

1. Introdução

Originada na França, a arte impressionista pressupõe que, de fato, esse era o país que reunia as melhores condições para dar forma e impulso ao movimento porque foi onde a evolução cultural da sociedade burguesa, em suas diversas modalidades, aconteceu mais cedo e de forma mais coerente. A propagação da pintura impressionista reivindica o modo de vida e o ambiente parisiense, a capital artística da Europa no século XIX, assim como o foi Florença no século XV e Roma no século XVII. Talentos do mundo inteiro afluíam a Paris para estudar com os grandes mestres e, sobretudo, debater a natureza da arte nos cafés de Montmartre. Foi em meio a esse burburinho, entre as novidades trazidas pela modernidade, que a obra de Edgard Degas (1834-1917) conquistou importância.

Dono de personalidade contraditória, renovou as tradições e transformou-se em um elo entre o conservadorismo da academia e a inovação das novas linguagens. Desde o princípio, esteve ligado ao impressionismo, mas a sua rejeição às paisagens e à luz natural - por entender que a base do seu trabalho era o controle formal, e não a espontaneidade - o encaminhou para outro gênero de pintura. Defendia as suas concepções artísticas de maneira rude, e tal postura o manteve liberto das críticas que poderiam intimidar o seu talento. Como qualquer outro artista, Degas sentia-se inseguro e com muitas dúvidas, mas trabalhava incansavelmente para aperfeiçoar as suas capacidades artísticas. Apesar disso, teve uma única exposição pessoal organizada enquanto vivo, em 1893, na galeria Durand-Ruel. Apreciador de temas incomuns, Degas era

fascinado por aspectos inéditos. Descobria atitudes insólitas que o seu olhar crítico afastava do meio original, reagrupando-as em composições inusitadas. Suas telas revelam o frescor da modernidade recém-chegada; retratam magistralmente o isolamento e a singularidade dos personagens da sociedade parisiense.

Teria sido Degas real e provavelmente influenciado pelas novas tecnologias, especificamente pela linguagem fotográfica, ou seria ele um artista múltiplo que usou a imagem mecânica, assim como a monotipia, apenas como meio para o exercício de sua criatividade? Esta tese procura investigar a riqueza de expressão, as potencialidades e a diversidade experimental de um dos grandes artistas da modernidade, período de transformações sociais e tecnológicas decisivas que atingiram e marcaram o final do século XIX, mudando os paradigmas e alterando os modos de ver e viver. Para tanto, o estudo perpassa algumas fases da obra de Degas a fim de traçar um paralelo com as inovações trazidas pela fotografia.

Familiarizado com os movimentos estéticos do seu tempo, como o realismo e o impressionismo, Degas manteve-se, contudo, independente, afeito às próprias ideias e experimentações que resultaram numa obra rica e diferenciada de todas as demais. Os quadros eram estágios de transição, tanto do tema quanto do meio: monotipos se transformavam em pastéis e fotografias inspiravam séries de desenhos e pinturas. Difícil estabelecer qual o seu ponto de partida e colocar fronteiras entre as técnicas que adotava. Difícil também saber como o artista desenvolvia seus trabalhos, uma vez que as imagens se entrelaçavam para gerar outras imagens; difícil, ainda, é acompanhar as ramificações da expressividade de Degas. É dele a capacidade única de despertar curiosidades e trazer novidades para um momento da arte estudado cada vez mais exaustivamente, como ocorreu com a exposição dos seus monotipos em 2016. Iniciativa do Museum of Modern Art (MoMa) de Nova Iorque, a mostra surpreendeu o público ao

revelar uma verve experimental do artista que modificava, adicionava, subtraía, manipulava, inventava e transformava as convenções básicas da obra de arte.

O paradoxo de Degas é que, embora fosse um artista tradicional, adepto do desenho como ferramenta propulsora para o desenvolvimento de sua plástica, ele se revelava um pintor moderno que utilizava recursos como a fotografia e engendrava percepções inéditas para a arte da época. O olhar fotográfico é aqui abordado por meio do aspecto social da vida do artista e da sociedade parisiense, na passagem do século XIX para o XX, numa tentativa de compreender as transformações que influenciaram Degas. Entre 1890 e 1912, a sua pintura delicada cede espaço ao prazer da experimentação técnica, liberta os meios de sua função tradicional de representação direta. Degas mescla passado e presente, o que viu e o que lembra, para criar suas arejadas telas de jôqueis, nus, bailarinas e retratos em poses casuais e nada acadêmicas.

Esta tese procura olhar, respeitosamente, para uma das inúmeras facetas de um artista que coleciona novos admiradores a cada exposição e até a atualidade proporciona surpresas aos conhecedores de arte. Trata-se de rever a relação da fotografia na sociedade moderna com a pintura de Degas. Inicialmente, direciona-se o foco para o surgimento da imagem mecânica e os caminhos percorridos por Eugène Atget (1857-1927), considerado por Walter Benjamin o primeiro fotógrafo moderno. Pelo do olhar de Atget que é apresentada a Paris remodelada por George-Eugène Haussman (1809-1891), tão bem capturada por Degas. E com base nos pensamentos de Vilém Flusser, aborda-se a discussão sobre os dispositivos de produção de imagens e sua relação com o mundo.

A reflexão é encaminhada para a possibilidade de Degas ser Degas independentemente da fotografia. Para dar conta da análise, no primeiro

capítulo são apresentados os caminhos percorridos para a composição de algumas das obras que o tornaram célebre. Outras serão abordadas no decorrer do texto. No entanto, nesse contato inicial, a opção foi mostrar os trabalhos que marcaram as mudanças na trajetória do artista. A influência fundamental de Jean Auguste Dominique Ingres (1780-1867) e o papel da família na biografia de Degas são os tópicos principais das primeiras páginas, nas quais podem ser vistas, também, a sua passagem pela pintura histórica, com a qual começa a apresentar os nus que revolucionariam a história da arte. No capítulo seguinte, a fotografia ganha espaço e permeia a reflexão sobre a modernidade, que transforma radicalmente os modos de ver, viver, sentir e estar de toda a sociedade.

O tema mantém-se no capítulo 4, porém ali a abordagem passa pelos caminhos da *flânerie*, cuja experiência visual e corporal tornou-se referência para a Paris moderna. Procura-se, ainda, investigar a relação de Degas com a fotografia traçando um paralelo com as mudanças proporcionadas pelas quebras de paradigmas resultantes do advento de novas tecnologias. A última parte da pesquisa aponta mais claramente a modernidade de Degas. Sua criatividade, pioneirismo e arrojo alinhavam o entendimento e escancaram a multiplicidade do homem que ainda hoje nos surpreende.

Qualquer tentativa de descrever a obra ou a personalidade de Degas pode cair em contradição devido a seu caráter ambivalente. Inflexível, irascível, preconceituoso, ainda assim era um homem culto, amigo e apegado à família. Com um poder de observação refinado, analisou magistralmente o isolamento, a alienação e os prazeres do ambiente público da época, transformando o fragmento do instante em imagem duradoura. Esta tese busca apresentar Degas e suas estratégias de produção para, então, refletir sobre a possibilidade de vinculação com o olhar fotográfico. Artista atemporal, refratário a elogios, permanece vivo e

instigante, não cabe em apenas uma pesquisa. São vários os Degas. Múltiplo e intenso, deixou um legado que incita o reconhecimento da permanente atualidade de sua obra.